



**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## O movimento da paisagem: reflexões com a Ocupação Ksa Rosa a partir de experiências urbanas e fotográficas<sup>1</sup>

**Helena Ew Andrade**

Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Daniela Mendes Cidade**

Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Ingrid Grünhäuser Lutckmeier**

Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Laura Soares Barão**

Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Raquel Pasqual Vianna**

Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

### Sessão Temática 08: Movimentos sociais e a construção do urbano contemporâneo

**Resumo.** O presente trabalho aborda o movimento da paisagem mediado pela fotografia em um espaço de disputa: o bairro Floresta no contexto do atual Quarto Distrito, em Porto Alegre. O ponto de partida é a experiência urbana e fotográfica realizada entre integrantes da universidade e pessoas que habitam aquele espaço. A narrativa de resistência se dá a partir da Ksa Rosa: centro de educação popular e resistência cultural, sua coordenadora e dos usuários do Centro de Atendimento Psicossocial IV AD - Céu Aberto. Através de andanças fotográficas e da produção cartográfica, vinculadas a atividades de pesquisa e extensão ainda em desenvolvimento, o objetivo geral é estabelecer intersecções entre fotografia e paisagem no andar junto com pessoas que se encontram entre a condição de margem e exclusão por parte do estado pela condição de habitação e trabalho, e o sentimento de pertencimento daqueles habitam o lugar.

*Palavras-chave.* paisagem; fotografia; ocupação; Ksa Rosa; movimento.

### The movement of the Landscape: reflections with Squatting Ksa Rosa from urban and photographic experiences

**Abstract.** The present work addresses the movement of the landscape mediated by photography in a space of dispute: the Floresta neighborhood in the context of the current Quarto Distrito, in the city of Porto Alegre. The starting point is the urban and photographic experience handled by members of the University and people who lives in that space. The narrative of resistance comes from Ksa Rosa: a center for popular education and cultural resistance, its coordinator, and the

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com o apoio da PROPESQ/UFRGS com a concessão de bolsa de iniciação científica vinculada ao projeto de pesquisa Intersecções entre fotografia e arquitetura, arte e paisagem, e com fomento da PROEXT/UFRGS concedido ao projeto de extensão A Cara da Rua: experimentação fotográfica, experiências urbanas.

*users of the Center of Psychosocial Care IV AD - Céu Aberto. Through photographic walks and cartographic production, linked to the research and ongoing extension activities, the general objective is to establish intersections between photography and landscape on the floor together with people who find themselves between the condition of margin and exclusion by the state due to the condition of housing and work, and the sense of belonging of those who live in that place.*

*Keywords: landscape; photography; squatting; Ksa Rosa; movement.*

## **El movimiento del paisaje: reflexiones con la Ocupación Ksa Rosa desde experiencias urbanas y fotográficas**

**Resumen.** *El presente trabajo aborda el movimiento del paisaje mediado por la fotografía en un espacio de disputa: el barrio Floresta en el contexto del actual Quarto Distrito, en Porto Alegre. El punto de partida es la experiencia urbana y fotográfica realizada entre universitarios y personas que habitan ese espacio. La narrativa de resistencia empieza en Ksa Rosa: centro de educación popular y resistencia cultural, su coordinador, y los usuarios del Centro de Psicossocial Atención IV AD - Céu Aberto. A través de recorridos fotográficos y producción cartográfica, vinculadas a actividades de investigación y extensión en desarrollo, el objetivo general es establecer intersecciones entre fotografía y paisaje en el suelo junto a personas que se encuentran entre la condición de margen y la exclusión estatal por la condición de vivienda y trabajo, y el sentimiento de pertenencia de quienes habitan el lugar.*

*Palabras clave: paisaje; fotografía; ocupación; Ksa Rosa; movimiento.*

### **1. Introdução**

A partir da metade do século passado, iniciou-se um processo de democratização da arte com novas formas de acesso e expressão que recusam os modos convencionais de produção, tanto na arte, quanto na sociedade. A recusa de restringir a arte à produção de objetos de consumo abriu caminho não só para a interação direta com o público, mas passou a privilegiar um olhar voltado para as especificidades do contexto: a cidade e seus habitantes (CAEIRO, 2014). Partindo disso, entendemos que, para o estudo do espaço urbano é necessário dar atenção não apenas aos objetos, às interações sociais e às manifestações das contradições, mas sim à interação desses (BERQUE, 1994). Para Berque, é na complexidade deste cruzamento entre objeto e sujeito que consiste o estudo da paisagem.

Da interação entre arte e espaço de vida, como aspectos que podem participar da constituição da paisagem, surgem os primeiros questionamentos que propomos como contribuição a respeito dos contrastes e movimentos que partem do bairro Floresta em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Dentro deste contexto, a nossa intenção é a de situar a arte e os processos participativos de criação como elementos centrais no debate sobre a concepção do espaço. Poderíamos aqui questionar a importância da fotografia como elemento de ampliação do campo interdisciplinar da Arquitetura e do Urbanismo, como lugar da alteridade? Como e onde a fotografia, desde o ato fotográfico, poderia contribuir para o estudo dos processos de transformação da paisagem?

O objetivo principal é estabelecer intersecções entre o movimento social de resistência, a fotografia e o entendimento da paisagem, a partir de andanças fotográficas em um andar junto às pessoas que estão à margem, invisibilizadas e excluídas. Essa ideia implica em deixar de lado a visão ultrapassada e limitada da fotografia como mero registro do real, como representação transparente de seu referente, para compreendê-la como uma linguagem complexa e híbrida. Pretende-se ainda apresentar algumas leituras desses processos a partir de diferentes narrativas, incluindo a linguagem fotográfica, para construir outras formas de representação onde seja possível incluir as contradições, incertezas e desafios que a vida contemporânea urbana nos apresenta.

Para isso, as reflexões aqui contidas surgem a partir de experiências em andanças fotográficas pela cidade. Pensar a paisagem em movimento vai além da estética. Para incluir a ética e a poética no exercício fotográfico, consideramos as narrativas visuais e orais de parte da população excluída das decisões políticas que implicam no contexto urbano, para buscar uma compreensão da paisagem além da imagem. Além disso, esse trabalho se baseia nas experiências realizadas nos cruzamentos da pesquisa com a extensão universitária. O diálogo se dá através da partilha de experiências e conhecimento entre universitários e pessoas vinculadas, direta ou indiretamente, a Ksa Rosa: centro de educação popular e resistência cultural.

A Ksa Rosa é uma ocupação localizada no bairro Floresta, um bairro cuja maior parte do seu território foi apropriado pelo Programa de Regeneração Urbana do Quarto Distrito. O programa lançado pelo governo municipal prevê um conjunto de regras para a retomada do desenvolvimento de uma grande área junto ao centro da cidade, estimulando o empreendedorismo e a inovação. Como se esse território fosse um grande vazio, as ações do programa tentam apagar a parte indesejada da sua história. Desta forma, o Quarto Distrito caracteriza-se como um lugar de disputas e processos de resistências. Acompanhar as intersecções entre os processos de criação do espaço e da arte no contexto de gentrificação e refletir, a partir da produção fotográfica de pessoas do lugar em disputa, tornam-se ferramentas de estudo dos processos de transformação da paisagem, tanto quanto um instrumento para disputa a partir de narrativas imagéticas.

A aproximação com a Ksa Rosa para o desenvolvimento da pesquisa aconteceu através do encontro com a coordenadora da ocupação, Maristoni Moura, tendo como disparador o desenvolvimento de um projeto de fotografia, para consolidar a ocupação enquanto espaço de referência da cultura popular. De forma colaborativa, foi proposto trabalhar de forma interdisciplinar, trazendo a fotografia, inserida no contexto das artes visuais, como instrumento para investigação no campo do urbanismo. Propomos nos aproximar de uma determinada realidade urbana através de processos artísticos e suas inter-relações entre sujeitos/espaço e arquitetura/paisagem, da valorização do gesto, dos movimentos de transformação e de apropriações dos espaços de experiência. O movimento de compreensão do processo de transformação da paisagem se dá dessa forma, através dos gestos criativos daqueles que intervêm no espaço, analisando a obra em seu processo, e não apenas como um produto acabado.

Este trabalho é de caráter qualitativo exploratório, sendo uma investigação da dimensão processual da realidade. Como forma de detectar paisagens e traduzir uma experiência urbana através dos cruzamentos entre andanças, leitura de imagens e processos de identificação dos movimentos da paisagem junto a Ksa Rosa, este trabalho se utiliza do método cartográfico, segundo Passos, Kastrup, Escóssia (2009) e Rolnik (2011). A utilização desta metodologia permite desenvolver a pesquisa deixando-se afetar pelas sensibilidades do outro, suas subjetividades e pelos diferentes cenários sociais, de forma que o processo de pesquisa esteja sempre em diálogo e em movimento.

A investigação utiliza variadas ferramentas metodológicas participativas, construídas através da troca de experiências com os agentes envolvidos. A ferramenta de pesquisa, priorizada junto a este segmento do campo da pesquisa, partiu dos diários coletivos escritos pelas pesquisadoras, a realização de grupos de trabalho junto à Ksa Rosa e as oficinas fotográficas realizadas em parceria com o Centro de Atenção Psicossocial - CAPS IV.

Em um primeiro momento, buscamos apresentar a Ksa Rosa e sua presença no Quarto Distrito. Após isso, situamos a fotografia como parte do processo cartográfico em conexão com a arte e aqueles que se encontram à margem da sociedade. Em seguida buscamos estabelecer as relações entre a paisagem e as formas colaborativas de construção e reconstrução cartográfica, transitando pelo contexto histórico e social e os desdobramentos das disputas políticas.

## 2. O contexto das andanças fotográficas

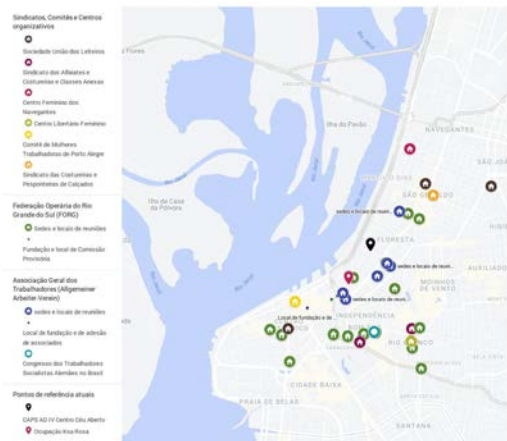
O espaço urbano é resultado das relações produtivas vigentes e das contradições geradas pelo próprio sistema. A urbanização ao longo do sistema capitalista é regulada e guiada pelas necessidades econômicas de gerar valor excedente, sendo desenvolvidas na lógica da propriedade privada do espaço. Essa relação na cidade repercute a contradição entre trabalho e capital, e as disputas das oposições configuram o espaço urbano (HARVEY, 2013).

A expansão de Porto Alegre se deu através da divisão de distritos e definição de suas finalidades. Assim a demarcação do antigo Quarto Distrito, decorreu da necessidade de expansão do capital na cidade. O processo de industrialização gerou a necessidade de emprego de mão de obra em larga escala e causa o surgimento dos bairros industriais na década de 1920. Isto transforma a paisagem da cidade que até meados do século XIX, era marcada por suas funções político-administrativas e por sua atividade econômica junto ao porto fluvial.

A cidade de Porto Alegre na primeira metade do século XX, viveu a expansão do seu parque industrial vinculado a um acelerado crescimento urbano. Ao longo do Caminho Novo, atual avenida Voluntários da Pátria, foram instaladas as fábricas nas primeiras décadas do século XX, tendo por facilidade que, do outro lado da rua Voluntários da Pátria as embarcações podiam atracar praticamente em frente às novas indústrias, transportando matérias-primas e os produtos que ali eram produzidos (FORTES, 2004).

O distrito industrial, localizado na quarta região da cidade em 1957, já contaria com um total de 558 estabelecimentos industriais, com 14.947 operários, sendo responsáveis por 57,9% da produção industrial de Porto Alegre e 14,04% do estado (FORTES, 2004). Em junho de 1959, conforme um documento elaborado pelo Departamento Estadual de Estatística sob solicitação da Associação Amigos do Quarto Distrito, revela a expansão da compreensão territorial do denominado *Quarto Distrito*, já na época inexistente administrativamente, mas que de forma imaginária é composto por vários bairros da Zona Norte com destaque para o São Geraldo, Navegantes, Dona Teodora, São João, Auxiliadora, Higienópolis, Fátima, Anchieta, Boa Vista, Cristo Redentor, Vila Floresta, Vila Progresso e Vila Ipiranga.

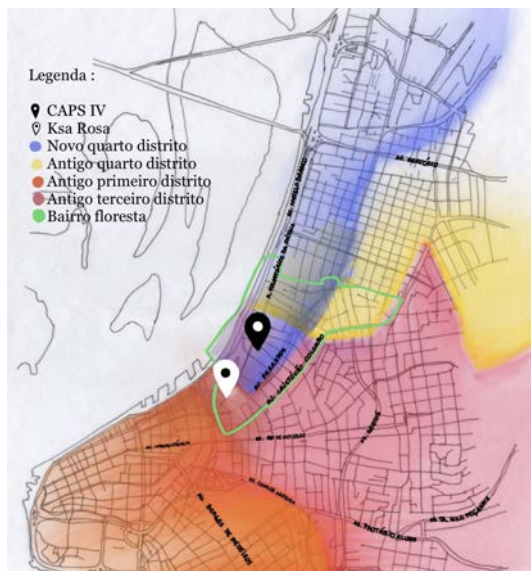
O surgimento destes bairros que possuíam as áreas de moradia próximas à área de trabalho, correspondia em uma transformação do movimento operário da capital e transformação cultural do espaço. Podemos ressaltar a grande concentração de sindicatos e iniciativas de organização no quarto distrito e, principalmente, na margem da antiga região do terceiro distrito, onde se encontrava o bairro Floresta, com o quarto distrito (Figura 1).



**Figura 1.** Locais históricos da luta operária de POA/RS (fonte: elaborada pelas autoras).

Com a migração das antigas indústrias para a região metropolitana a partir de 1950, a paisagem dos bairros São Geraldo e Floresta se transforma, surgindo amplas áreas abandonadas. Após a construção da Av. Farrapos em 1940, que criou uma barreira dentro dos próprios bairros, e a separação da rua Voluntários da Pátria do rio Guaíba, com a construção do dique, se inaugura um novo tipo de relação da área com a cidade.

Nas proximidades da estação rodoviária, onde está localizada a Ksa Rosa (Figura 2), o espaço é tido como a entrada da cidade, e após anos de desinteresse, se vê como prioridade dos investimentos, em um processo de “embelezamento” deste espaço. A área é estigmatizada pela presença de prostituição, sujeira, tráfico de drogas, população de rua, moradias informais, pessoas desesperadas e sem apoio do estado, abandonadas, negligenciadas pelo descaso.



**Figura 2.** O Quarto Distrito no passado e na atualidade (fonte: elaborada pelas autoras).

Hoje, após diversas políticas de incentivo público para reindustrialização e criação de novos tipos de empreendimentos comerciais, a região é marcada por divisões e delimitações de fronteiras, revelando os contrastes entre riquezas da indústria farmacêutica e projetos de grandes incorporadoras com o espaço de

moradia popular, espaço de trabalho (ressaltando o dos recicladores), de tráfico e uso de drogas. Marca das contradições que imperam a cidade, a riqueza é separada pelos muros da pobreza, seguranças nos portões de quarteirões inteiros, parecem a única conexão da fronteira entre o território forçosamente esquecido e o interesse do capital econômico atual.

A Ocupação Ksa Rosa vem trazer uma resistência à lógica hegemônica de concepção de criação de espaço, fazendo cumprir a função social dos edifícios em uma perspectiva popular que visa os desejos dos habitantes daquele território. A Ksa abre suas portas para o trabalho da reciclagem, sendo um espaço de educação coletiva, de expressão artística e acolhimento de dependentes químicos, realizando uma política de redução de danos. Nessa concorrência, a prefeitura e os empresários percebem o lugar como um ativo financeiro, em que a localização dita seu valor. Já o movimento social reivindica o lugar como um espaço de vida e apropriação, onde a localização revela uma nova possibilidade de socialização (Rolnik, 2015).

### **3. Com quem andamos junto: a Ksa Rosa**

A Ksa Rosa teve a primeira ocupação no número 811 da rua Voluntários da Pátria, a antiga rua da Margem. O edifício ocupado foi o antigo Hotel Aliado, que ficou abandonado e utilizado pelos punks no final dos anos 1990, que pintaram o prédio de rosa. Em 2007, quando Maristone se uniu aos ocupantes, a casa adotou o apelido, de como o local já era conhecido, a Ksa Rosa. Em 2014, o imóvel foi retomado pelo estado, e Maristoni se mudou com a sua família para outra edificação na mesma rua, uma antiga delegacia, mantendo o mesmo nome: "eu gosto de rosa, lembra o feminino, e eu sou mulher", diz Maristoni ao relembrar a sua história desde a sua chegada em Porto Alegre, quando deixou a cidade de Viamão, na região metropolitana da capital, com o objetivo de integrar o movimento de luta pela moradia. O desenvolvimento das relações interpessoais dentro dos dois espaços ocupados na Voluntários da Pátria permite entender a ocupação como um primeiro movimento da paisagem, transformando o próprio prédio fisicamente com murais e mosaicos, modificando os fluxos e atividades ali presentes. Ao criar novas formas de se relacionar com o espaço, acabou influenciada pelas pessoas que ali passaram a habitar, vindas de diferentes locais da cidade.

O espaço físico é um estímulo ao resultado do alcance da casa, pois nele encontramos diversos disparadores revolucionários e culturais. Um espaço que promove a educação, contendo livros para retirada gratuita; cultura, onde há acesso ao cinema da casa, no qual são exibidos filmes para crianças, obras cinematográficas políticas e de realidade brasileira; sustentabilidade, recebendo oficinas de produção artística que utilizam de materiais recicláveis para produção de peças únicas, e assim paralelamente promovendo o comércio e arrecadação de renda. Cada pessoa que passa pelo espaço sente-se tocada de formas diferentes, seja por sua beleza física, que contém diversos mosaicos e frases motivadoras em suas paredes, seja pelas falas e ações de luta da administradora. Assim, a Ksa Rosa vai muito além dos limites de suas paredes, de seu endereço. Convencionamos que entidades residem em lugares físicos, determinados por ruas, avenidas e números. Entretanto, o movimento gerado por ela não contém dimensionamento.

Maristoni, que sempre quis expandir o movimento para fora do limites do lugar, leva o nome da Ksa Rosa a eventos com a população em situação os quais participa e organiza. Um deles é o *Café PoPRua*, onde voluntários preparam

lanches e distribuem para pessoas em situação de vulnerabilidade em frente à casa. Nestes momentos é aberto o microfone, dando voz a quem queira falar, mostrando que todos naquele ambiente são respeitados e ouvidos. O edifício também é sede de eventos políticos de Porto Alegre, e atua nos espaços de consulta à comunidade, como por exemplo, as reuniões do Plano Diretor do Quarto Distrito e a participação dos debates municipais do Orçamento Participativo da Cultura. Fora do terreno da ocupação, sua coordenadora representa a Ksa Rosa em eventos, como reuniões populares e governamentais, da qual ela é convidada, assim como encontros para a discussão e integração da população residente no bairro Floresta. Por caracterizar-se como um espaço de resistência, situado na zona de disputas pelo mercado imobiliário e políticas urbanísticas de higienização diante de tantas outras construções, a Ksa torna-se um espaço de referência de luta não apenas para quem ali esteve, mas também para comunidade em geral.

A ampliação da rede de apoio reverbera no fortalecimento de parcerias institucionais, como o da universidade, que validam a relevância social da Ksa Rosa contribuindo também para os registros de sua trajetória. Essas cooperações auxiliam na construção do pertencimento da ocupação na história da cidade e travam uma disputa através da memória coletiva, testemunhando a importância de contar as histórias dos marginalizados, que é efetivamente uma luta pela memória daquelas cujo trabalho está envolvido em produzir e reproduzir a cidade, afirmando seus direitos e participar coletivamente nas decisões para dizer que tipo de urbanismo deve ser produzido nos lugares que habitam, e como deve ser realizado (HARVEY, 2014)

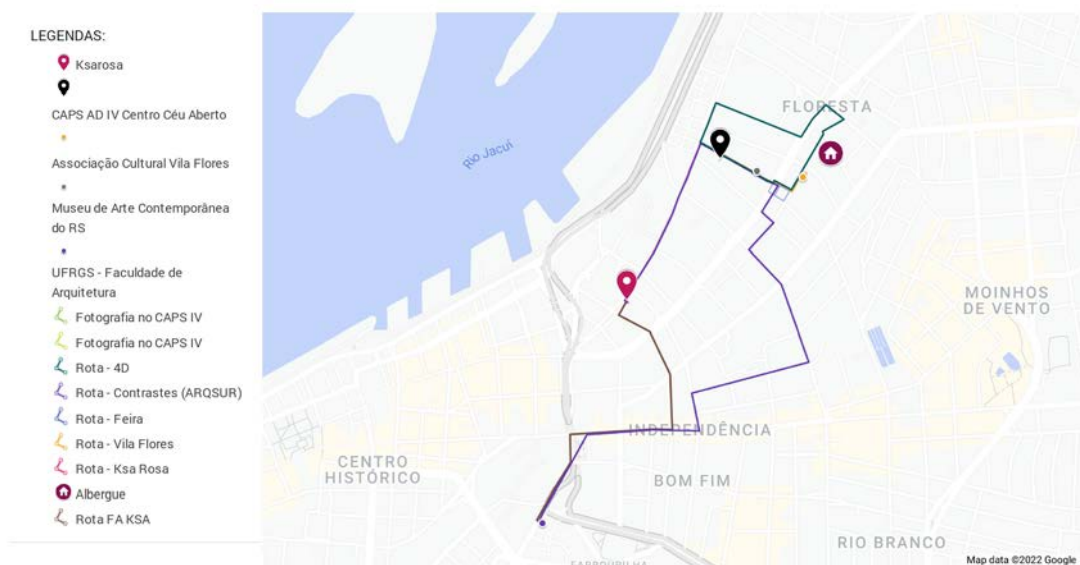
### *3.1 As oficinas de fotografia em parceria com o CAPS IV*

Em 2022 com a parceria entre a Ksa Rosa, o CAPS IV e a UFRGS pode-se retratar em imagens as narrativas presentes, ignoradas pelo poder público, do quarto distrito dos que habitam e sofrem as diversas nuances do espaço que é marcado pelas drogas, indústrias abandonadas, a reciclagem, o pequeno comércio, as casas modestas e as especulações de um novo planejamento para os bairros: os dependentes químicos. A guerra às drogas que, historicamente, ignora o fato da dependência química como uma responsabilidade coletiva e de saúde pública. O discurso ideológico hegemônico no capitalismo, recheado de meritocracia, individualiza questões de ordem sociais coletivas. Assim, em pleno 2022 no Brasil, com o aumento do fascismo e racismo, o discurso da política manicomial e de punição aos dependentes químicos vem ganhando força. Esse discurso por sua vez insensibiliza a sociedade e fomenta às prefeituras a tomarem ações “higienizadoras” na cidade. Não só em Porto Alegre, mas nas diversas capitais brasileiras, a principal política contra a insegurança e contra as drogas tem sido a gentrificação e a expulsão destas pessoas dos centros, zonas estratégicas e zonas nobres da cidade com ações policiais.

O projeto fotográfico busca, a partir da cartografia afetiva, proporcionar o exercício poético, desenvolvendo o olhar sensível e crítico. O grupo com foco nos usuários do CAPS IV Céu Aberto, apresentava a dinâmica de encontros semanais com os participantes das oficinas, realizando os deslocamentos em conjunto (dependentes químicos, extensionistas e psicóloga do local). No primeiro momento, era realizada uma conversa para definir os trajetos, pensando nos seus lugares de afeto e de suas experiências, definindo um percurso a ser percorrido. Logo após, eram entregues as câmeras, e os alunos recebiam instruções sobre seu uso e também estratégias para explorar outros ângulos e

perspectivas da captura da imagem para que estes pudessem se expressar de maneira plena.

As saídas fotográficas percorriam as ruas do bairro de forma questionadora (Figura 3). Os ângulos da fotografia e os enquadramentos revelam a priori os costumes e as ânsias expressivas daqueles que muitas vezes já dormiram no chão, e por isso tem intimidade com o olhar voltado para cima, os cadeados e portas fechadas, que os cercam a todo instante, a calçada e os postes que estão no seu cotidiano, a beleza da feira que colore a praça vizinha ao CAPS IV e os rostos de seus companheiros com quem dividem os espaços. Com a prática fotográfica e os debates coletivos, se devolvem a visão do micro e do macro espaço, documentando materialidades, fachadas, e também aprimoram as fotos sobre suas sensações em relação à paisagem, dos vazios, das ausências e do abandono (Figuras 4 a 8).



**Figura 3.** Andanças Fotográficas (fonte: elaborada pelas autoras).



**Figura 4.** Fotografia de participante do CAPS IV (fonte: acervo A Cara da Rua).

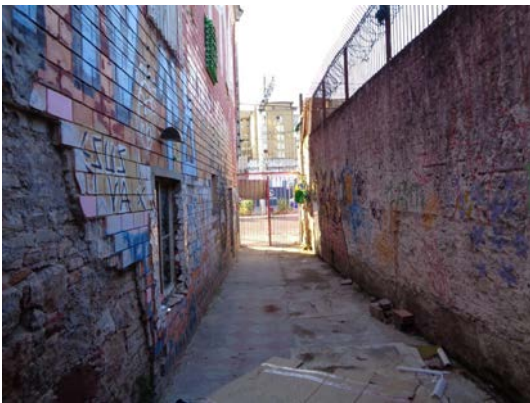




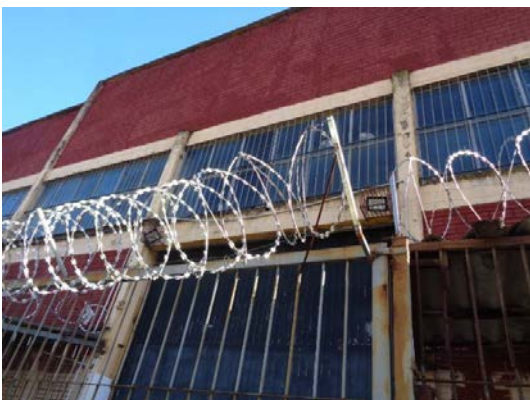
**Figura 5.** Fotografia de participante do CAPS IV (fonte: acervo A Cara da Rua).



**Figura 6.** Fotografia de participante do CAPS IV (fonte: acervo A Cara da Rua).



**Figura 7.** Fotografia de participante do CAPS IV (fonte: acervo A Cara da Rua).



**Figura 8.** Fotografia de participante do CAPS IV (fonte: acervo A Cara da Rua).

A paisagem observada durante os percursos evidencia os contrastes do bairro Floresta. A parte mais próxima da rua Voluntários da Pátria tem seu cenário marcado pelo tráfego, pelo movimento dos catadores de lixo e pelo contexto de abandono. Entretanto, na rua Comendador Azevedo, onde se encontra o CAPS IV, há uma grande indústria farmacêutica e o Museu de Arte Contemporânea do RS. Assim como, nota-se a disparidade ao se aproximar da rua Cristóvão Colombo, onde o contexto econômico é diferente, uma vez que o local é composto geralmente por pessoas com condições financeiras melhores. Dessa forma, busca-se a partir dos deslocamentos, gerar ações e experimentações da relação do corpo e da cidade, como dispositivos para elaborar narrativas e reflexões sobre a vida urbana contemporânea, com seus atravessamentos, contradições e desigualdades sociais. Assim, se estabelece um processo de identificação dos sujeitos que pertencem ao espaço da cidade através da fotografia, apresentando uma relação crítica da rua, transformando-a em espaço público de direito coletivo e não apenas em um espaço de troca de mercadorias.

A partir do ato fotográfico, o desvio se configura como conceito operatório para refletir sobre determinadas práticas artísticas que utilizam a linguagem fotográfica e que se desenvolvem como expressão do nosso tempo, no cotidiano urbano. Partimos das imagens produzidas durante andanças, tanto urbanas no espaço físico existente, quanto entre imagens, em busca de uma apresentação, como desvio e pausa, para contemplar o cenário urbano atual. Para isso procura-se na imagem construída de forma cartográfica uma forma de remontar a cena, de maneira que a leveza da poética – levantar-se, olhar para cima, estender o tempo, para poder habitar com um certo olhar. Esta atitude poderia fazer-nos chegar ao conhecimento do campo de pesquisa – arquitetura, cidade, fotografia, paisagem - através da imagem poética.

Após a obtenção das fotos, eram realizados encontros para seleção das imagens e definição de como será utilizado o material impresso, pensando em formas de geração de renda para essas pessoas em situação de vulnerabilidade social. A continuidade das oficinas e do projeto, tem demonstrado a importância dos espaços de trocas entre universitários e a população em situação de vulnerabilidade, propiciando - juntamente com as ações culturais decorrentes deste projeto de extensão, dos vínculos com atividades de ensino e pesquisas acadêmicas, dos encontros e exposições fotográficas - o protagonismo dos participantes em suas próprias experiências.

#### **4. Paisagem e fotografia: o lugar da partilha**

Há, para além de um projeto de silenciamento, um apagamento das mulheres (Kilomba, 2019), negras(os), de trabalhadores e da população pobre das narrativas urbanas. É controlada a possibilidade destas pessoas serem ouvidas e tomadas como protagonistas na memória da cidade, e conseqüentemente possam pertencer ao lugar, não como mera figura ilustrada do outro, mas como agente criador e transformador da paisagem. O que ocorre na atual narrativa sobre o quarto distrito da prefeitura é a produção de uma homogeneização de territórios no imaginário coletivo, combinado com o discurso de revitalização da área, ignorando as vidas que nela já habitam, significando a expulsão destes agentes de seus territórios. Aglutinam a população com o espaço em um pacote de abandonados que deve ser substituído por uma categoria que agrade mais ao mercado imobiliário, negando-os do reconhecimento de sua importância para a constituição da cidade e seus direitos como habitantes das mesmas.

Construir uma ocupação em um território que havia sido colocado no esquecimento da cidade e hoje é área de desejo da especulação imobiliária, é disputar a paisagem. A Ksa Rosa vem, através de sua narrativa de resistência perceber a paisagem, não de uma maneira passiva onde se lembra de maneira anacrônica o passado, mas sim de maneira ativa que se implica com o mundo e se envolve perceptivamente com um ambiente que está cheio de passado (Ingold, 2021). Assim a ocupação disputa a memória e resgata através da ação a expressão dos trabalhadores da cidade, de forma a complementar a luta daqueles que vieram antes desta.

A casa como um centro de referência cultural constrói uma rede que propaga sua forma de habitar o espaço e oferece um contraponto à visão hegemônica do espaço. Através de diversas parcerias e atividades, como apresentações musicais de hip hop, projetos de costura, reciclagem, criação de artes com sucatas, café da manhã solidário, espaço de desenvolvimento da disciplina de projeto arquitetônico II da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS e diversos eventos começam a ressignificação da rua Voluntários da pátria. Ao agir conforme um novo ideal, se conduz a atenção de quem a habita e a vê para as contradições da rua Voluntários da Pátria, um local do abandono por parte do poder público, porém de luta e solidariedade por parte da sociedade civil.

Durante as caminhadas fotográficas entramos em contato com as perspectivas do habitar, constituídas como um testemunho da cidade (Ingold, 2021). É a partir do contexto relacional do envolvimento dos fotógrafos de rua com o quarto distrito, que podemos analisar a paisagem com seus movimentos produtivos constitutivos, e seus diversos limites e fronteiras integrantes. Percorremos os caminhos de suas memórias, eles nos conduzem através de suas narrativas o que lhe conectam a vida cotidiana, entre albergues, local de estadia, CAPS, POP RUA, local de banho e local de distribuição de marmita. Ao longo de nossas interações atravessamos locais que antes lhes eram simples fachadas, construindo novas conexões e ressignificando territórios, com museus e centros culturais, e nos deparamos com espaços intransponíveis, que empenham-se em se desassociar do contexto social do bairro, como o mercado imobiliário, as grandes empresas e indústrias.

A fotografia, considerada como uma imagem crítica, torna-se um elemento da memória: algo produzido a partir de uma situação anacrônica que se configura no presente. Sem reproduzir o passado, a imagem da memória – a imagem crítica – reinventa o que a originou (DIDI-HUBERMANN, 2013; MONDZAIN, 1995). A imagem crítica colocada em conflito, assim como a imagem inquietante, não representa a cidade no passado com os seus fantasmas, mas sim uma imagem que surge da reconstrução como algo concreto, como crítica do passado e do presente, passado este pairando sobre o presente. A imagem fotográfica, com sua inquietação, sua descontextualização, suas ausências e seus rastros, utiliza o estranhamento como provocação para desencadear o processo de crítica de um outro sentido da arquitetura inserida na paisagem urbana. Tudo isso a partir da metáfora, do jogo e do movimento propiciados pelo processo de interação entre corpos, câmera e paisagem.

Assim como a fotografia não se caracteriza apenas como imagem, reflexo do mundo, a câmera fotográfica é bem mais que uma prótese do olhar. Tudo o que envolve o fotógrafo e a câmera, desde o ato fotográfico, produz operações que podem nos fazer pensar a fotografia como prática e forma de assimilação do mundo, da cidade e das formas de subjetivação. Portanto, o estudo da paisagem através da linguagem da fotografia inserida no campo das artes visuais surge

para estabelecer uma função de ir além do caráter documentário, para tornar-se o ponto de partida para discutir a paisagem, através dos espaços em negativo, do entre, dos indícios.

O espaço, na delimitação desta pesquisa, não se restringe à sua materialidade física, mas também na maneira como ele se constitui como paisagem, qualidade que envolve uma construção cultural. Segundo Maderuelo (2007) a paisagem trata de um *constructo*, de uma elaboração mental que realizamos através dos fenômenos da cultura. Também consideramos os processos de subjetivação como parte da constituição da paisagem, ou seja, a paisagem-representação a partir do olhar do outro, que pode ser lida na intersecção com a arte e a fotografia. Desta forma, a paisagem não é abordada por um olhar frontal, mas pela observação de seus reflexos na arte, buscando uma maneira de revelar como a linguagem artística pode incluir a alteridade como princípio para compreensão e concepção do espaço (ZIMMER, 2014). A paisagem é também os desaparecimentos, os abandonos, os indícios e as pegadas. Pode ser o lugar entre, onde a ficção pode assumir uma série de faces incluindo a subjetividade do fotógrafo e suas intenções, o foco, o enquadramento, a iluminação e, sem menos importância, o olhar do observador. Desta forma, o espaço deixa de ser apenas um invólucro, e passa a ser, também, um espaço de encontro, de diálogo, e de escuta. A fotografia assume a importância do fora-de-quadro, daquilo que ela não mostra claramente, apenas aponta, como o abandono, o apagamento, e a reinserção. O paradigma do arquivo é como um núcleo de documentação, no qual o fotógrafo assume e a prática do arquivista, e a paisagem urbana transforma-se em lugar de encontro e de experimentação.

Entre o criar e o observar existe um espaço de jogo onde a fotografia assume um papel intermediário importante como dispositivo aberto ao diálogo, como imagem que transpõe o real e como narrativa de uma experiência espacial. Para Walter Benjamin (1994), a narrativa se distingue do relato, ou da notícia do fato acontecido, pois ela inclui a marca do autor. Assim como, cada imagem fotográfica traz uma forma particular de falar do lugar, da paisagem. Sendo assim, a paisagem não é e nunca será uma só. Será considerada aqui como algo sempre em diálogo, em movimento.

Ao incluir o outro e o si mesmo em ação, no ato fotográfico em parceria – andar junto - à leitura das imagens, na análise dos processos de criação, sendo a paisagem o lugar da arte, o corpo ou o outro não é apenas o fora da obra, como é também um elemento a ser pensado e revelado antes, durante e depois da criação da obra. Isso implica em pensar o tempo como fator que pode tornar o si mesmo em outro, que ao transformar o sujeito, transforma de forma dialógica a paisagem. Este movimento é incorporado como experiência do artista na sua relação com o espaço durante o processo de criação. Conforme Blanchot (2011), a noção do fora é menos um conceito que possa ser delimitado e conhecido do que uma função prática que envolve um questionamento radical da criação.

O Início do século XX se caracterizou pela ruptura com a premissa de que uma determinada concepção de realismo (literatura e pintura, por exemplo). A partir de Blanchot (2011), se questiona as relações entre imagem e real para ir além da questão do texto, ou da fotografia, como espelho do real. Blanchot (2011) cria o conceito do fora para falar da relação entre literatura e real, para falar de uma falência do logos clássico e colocar em xeque noções centrais como autor, linguagem, experiência, realidade e pensamento, noções tão caras na contemporaneidade.

A fotografia tem por vocação se assemelhar a uma imagem real, que deve nos contar qualquer coisa da ordem do invisível, do fora, como lembra Blanchot. A fotografia possui o poder de fragmentar ao infinito as imagens do universo, fazendo surgir pedaços independentes de seu modelo. Essa especificidade da imagem fotográfica de nascer por pedaços e que a afirma na arte como o estatuto autônomo do fragmento, solicita a participação daquele que vê, e permite a projeção inconsciente e consciente do sujeito que observa. Esta característica suscita questões, uma interrogação sobre os fenômenos. Existe aí sobretudo uma função especular e uma ambiguidade no espelho: ele representa a meditação necessária à visão, mas ele é ao mesmo tempo o lugar possível de todo um processo conceitual. Pensar a partir da fotografia nos permite ouvir e ver coisas, inventar coisas na ausência delas. No entanto, além das características físicas da aparição, que deixa marcas ao longo do tempo e constitui a cidade como um palimpsesto, é necessário “separar o visível da imagem”, conforme Mondzain (2015, p.21). Desqualificar a imagem como simulacro é ir além da materialidade física da arquitetura, enquanto representação, e pôr em evidência aquela que faz retomar a uma experiência espacial, qual permite que a leitura também passe pelo processo de criação como o tempo em espera de um aparecimento: “tudo começa pelo aparecimento do espectro” (Derrida, 1994, p.18). Ou tudo começa com a obtenção de uma imagem, daquilo que já não está mais entre nós como corpo físico, mas presente como um corpo ausente.

A fotografia urbana, neste projeto, é uma metáfora sobre as formas paradoxais da cidade em movimento. Desta forma, a linguagem artística pode nos fazer pensar sobre a arquitetura no contexto urbano a partir do olhar de quem trabalha na práxis plástica, refletido tanto na obra, como no processo de criação. O fascínio provocado por cidades de grande turbulência cultural e de degradação, onde existem essas conexões necessárias para a interatividade corpo e espaço, também pode contribuir para os processos criativos que colaboram no processo de pensamento da arquitetura e dos processos de transformação da paisagem. Os modos de apropriação, confrontados com essa rede de interação, proporcionadas pela cidade como espaço de articulação e troca de ideias, tramam-se nas transformações e na turbulência.

O produto – imagem, fotografia, arquitetura - em construção é esse sistema em rede que troca informações com seu meio ambiente. A partir da criação de um sistema, o artista vai atribuindo um processo de apropriações que vai ganhando a complexidade de uma rede dinâmica, onde a simultaneidade dos projetos – artístico e arquitetônico - estabelece uma relação com decisões e atos anteriores e posteriores. A interconectividade dessas relações nos leva à ideia da multidisciplinaridade, da intersemiose e da comparação de linguagens que coabitam nesse ambiente, que é o da paisagem. No plano físico da cidade, podemos dizer que este movimento criador é uma constante. A paisagem se cria e se renova constantemente em diferentes níveis, onde o movimento e ideia de processo é a característica marcante.

## 5. Considerações Finais

“Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei. [...]”. *O Fotógrafo*, O livro das ignoranças, de Manoel de Barros (2016).

Este projeto pretendeu dar visibilidade às histórias da população em situação de vulnerabilidade que habitam uma zona conflitiva de interesse econômico do capital e que diariamente têm seus direitos negados e vozes silenciadas. O

estudo que apresentou-se como o ato fotográfico, expressão artística e política, revela algumas das percepções frente à violência do abandono e do apagamento feito pelo poder público, e como estes processos refletem um jeito de ver e ocupar os espaços da cidade, se mostrando uma ferramenta de pesquisa-intervenção importante para compreensão da urbis. Pode-se observar como as experiências de resistência e de violência vividas constituem subjetividades, delineiam modos de viver, de habitar e de se relacionar com a paisagem, configurando uma rede complexa de constantes deslocamentos e reinvenções.

A paisagem, por não ser um conjunto quantificável físico e sim uma relação subjetiva, só pode ser compreendida e estabelecida através do olhar sensível. Acompanhar as intersecções entre os processos de criação do espaço e da arte no contexto de gentrificação e refletir a partir da produção fotográfica, tornam-se ferramentas de estudo dos processos de transformação da paisagem, tanto quanto, um instrumento para disputa a partir de narrativas imagéticas. A cartografia afetiva é a da denúncia e tem como esperança orientar a ação social, neste sentido o projeto enfrenta o discurso hegemônico de invisibilização dos habitantes do distrito criativo, através da parceria institucional visando a consolidação da Ocupação Ksa Rosa como espaço cultural na cidade, além de equipar os agentes criadores do território através da impressão de cartões postais com suas fotografias para difusão de suas percepções sobre a cidade, das ausências e do que não é visível, como contadores e protagonistas de sua história.

Cartografar é mapear processos, desvendando os contextos e reconhecendo cada ato. Utilizar a fotografia como ferramenta analítica para apreender a sucessão de movimentos e deslocamentos da cidade, é uma forma de valorização imaginativa dos lugares vividos, trazendo à tona as percepções da paisagem. Assim, permitimos uma implicação sensível para o sustento da memória, dos pensamentos, dos cheiros, dos sons, dos sentimentos, da forma de se relacionar e criar o movimento da vida, de uma forma que os elementos particulares não são mais estáveis e do campo da individualidade, mas mutáveis e constituídos de uma narrativa coletiva compartilhada.

## 6. Referências

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças / Manoel de Barros.** – Rio de Janeiro : Alfabeta, 2016.

BENJAMIN, Walter . **O narrador.** In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994..

BERQUE, Augustin. **Cinq propositions pour une théorie du paysage.** Paris: Editions Champ Vallon, 1994.

BLANCHOT, Maurice . Uma voz vinda de outro lugar. Rio de Janeiro: Rocco, 2011

CAEIRO, Mario . **Arte na cidade:** história contemporânea. Lisboa: Temas e Debates – Circulo de Leitores, 2014.

DERRIDA, Georges. **Exspectros de Marx.** Rio de Janeiro: Relume Damaré, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente:** Histórias da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. **Vida e alma de uma cidade- Retrato de corpo inteiro do Quarto Distrito**. Porto Alegre: jun. 1959.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito**: A classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: Educs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2014.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

INGOLD, Tim. **A unidade múltipla**: ensaios sobre a paisagem / organizador: Altamiro Sergio Mol Bessa - Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021.

MADERUELO, Javier. **Paisaje y arte**. Madrid: Abada Editores, 2007.

MONDZAIN, Marie José. **L'image naturelle**. Paris: Le Nouveau Commerce, 1995.

MONDZAIN, Marie-José. **Homo spectator**. Lisboa: Orfeu Negro, 2015

PASSOS, E.; KASTRUP, V. **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano do comum - vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: hucitec, 1994.

TSCHUMI, B. **Architecture and disjunction**. Cambridge: MIT Press, 1996

ZIMMER, Claudia. **Meia Paisagem Meia**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPGAVI - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.